

## TEOLOGIA PROTESTANTE LATINO-AMERICANO: UM OLHAR A PARTIR DA TEOLOGIA DE MISSÃO INTEGRAL.

### I – INTRODUÇÃO.

**Para que o mundo e, em especial a América Latina, ouça a voz de Deus.** Nisto se resume a tarefa da Teologia de Missão Integral: fazer a voz de Deus ser ouvida em sua integralidade, e, pela integralidade dos homens e mulheres, que em nosso continente tão marcado pelas investidas do mal presentes nas estruturas de opressão, vivem suas vidas.

Para o pleno cumprimento desta missão a Teologia de Missão Integral tem refletido e produzido a mais três décadas. É sobre esta reflexão e produção que queremos nos debruçar, no intuito de compreender esta teologia a partir de sua metodologia, até o específico de sua práxis.

Para tanto, propomos uma abordagem metafórica que nos irá ajudar ao longo de todo o texto. Queremos ir pintando um quadro ao longo do texto para melhor visualizarmos essa escola da teologia protestante latino-americana.

A moldura de nosso quadro é o chamado *espírito de Lausanne*, que marca os limites em onde se dão suas reflexões teológicas. Dentro desta moldura é pintado um horizonte, que corresponde ao movimento evangelical. Este movimento, na América Latina, tem seus contornos delineados pelo *espírito de Lausanne*.

Além do horizonte há também uma perspectiva apresentado. Há um olhar em perspectiva que olha o horizonte a partir de um lugar concreto. Esta perspectiva é propriamente a Teologia de Missão Integral como específico teológico.

Esta perspectiva, por sua vez, olha a partir de um lugar específico as personagens que mais se destacam na pintura. Estas são as seguintes: Espírito, Homem e Palavra. Juntas, as personagens compõem o núcleo da missão que pretende ser anunciada e vivida integralmente.

## II. O Espírito de Lausanne como Matriz de uma Teologia protestante Latino-americana.

Em 1974 reuniram-se em Lausanne, Suíça, cerca de 4000 líderes e evangelistas de igrejas de dezenas de países para orar, estudar, debater e planejar em torno do propósito comum: a evangelização mundial. O lema do encontro foi inspirado no profeta Isaías, conclamando **que o mundo ouça a voz de Deus**<sup>1</sup>.

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu, para pregar boas novas aos quebrantados, enviou-me para curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos, e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus (Is 61. 1-2).

O mundo a que se refere o congresso de Lausanne é o mundo marcado pelo individualismo acentuado pelo capitalista, onde reina uma espécie de darwinismo social, uma seleção de espécies baseada na força violenta do capital. Samuel Escobar<sup>2</sup> exemplifica bem esse contexto do congresso de Lausanne, sobretudo no que diz respeito à realidade da América Latina.

Imagine toda a população do mundo condensada numa aldeia de 100 habitantes. Desse número, 67 seriam pobres. Os 33 restantes, em grau variado, seriam ricos. De toda a população, somente 7 seriam norte-americanos. Os outros 93 ficariam vendo os 7 norte-americanos gastarem a metade de todo dinheiro do mundo, comerem um sétimo de todo o alimento e usarem metade de todas as banheiras existentes. Esses 7 teriam dez vezes mais médicos do que os outros 93. Nesse ínterim, continuariam enriquecendo cada vez mais, enquanto os 93 continuariam empobrecendo.<sup>3</sup>

Dirigindo a palavra a certa cúpula norte-americana<sup>4</sup> que havia participado da convocação do congresso, e que o estava financiando, ESCOBAR diz:

<sup>1</sup> Cf VVAA. *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje: Principais Palestras do Congresso Internacional de Evangelização mundial Realizado em Lausanne, Suíça*. P. 7-9.

<sup>2</sup> Samuel Escobar é Peruano, missiólogo batista, foi fundador da Fraternidade Teológica Latino-americana. Foi membro efetivo do congresso de Lausanne, dando importante contribuição, inclusive em sua palestra *A Evangelização e a Busca de Liberdade, de Justiça e de Realização do Homem*.

<sup>3</sup> Ibidem. P.173.

<sup>4</sup> O congresso de Lausanne tinha na sua convocação uma face bastante conservadora. A evangelização que se pensava propor era de corte conversãoista, onde é clara a descontinuidade indivíduo/sociedade. Esta face conversãoista estava estampada nas inúmeras agências de missão norte-americanas de corte fundamentalista, que subsidiavam a realização do evento. Houve, porém, uma guinada na matriz teológica orientadora do congresso; a participação de alguns teólogos latino-americanos foi fundamental neste sentido. A presença latino-americana em Lausanne, coloca em pauta a necessária reflexão sobre as estruturas sociais e os contextos culturais dos povos onde a missão se realiza. Essa influência se mostra em diversos momentos do congresso: na sua composição, eram inúmeros os participantes vindos da América Latina e Caribe; nas palestras apresentadas (quem sabe a participação mais intensa se encontre aí) destacando-se duas: *A evangelização e o mundo* de René Padilla, e *A evangelização e a busca de liberdade, de justiça e de realização pelo homem* de Samuel Escobar; na composição de vários documentos de desdobramento das discussões e, na redação do pacto final, chamado Pacto de Lausanne.

Como parte dos 7 ricos, estamos procurando alcançar para Cristo o maior número possível dentre os 93. Falamos acerca de Jesus e eles nos vêem jogar fora mais comida do que jamais esperaríamos consumir. Estamos ocupados construindo belas igrejas, enquanto eles pedinham à procura de abrigo para suas famílias. Guardamos dinheiro no banco, mas eles não têm o necessário nem para comprar comida para os seus filhos. Dizemos-lhes que o Mestre era servo de homens, o salvador que dispôs de tudo o que era seu em nosso favor, e agora ordena que façamos o mesmo por ele... Somos a minoria rica do mundo. Podemos até esquecer isso, ou achar que o assunto não tem importância. Mas fica a pergunta: e os 93 ? Poderão esquecê-lo também?<sup>5</sup>

O mundo onde muitos não têm sequer o “privilégio” de serem explorados pelo sistema capitalista (que ironia), é o mesmo que precisa ouvir a voz de Deus, que deve ouvir a Palavra de Deus, o verbo de Deus. Como anunciar a Palavra de Deus num mundo tão injusto? Este é o questionamento principal de Lausanne para a Igreja contemporânea. Esse questionamento ganha ainda mais urgência na Igreja que está no terceiro mundo e, especialmente na América Latina.

Como falar de justiça a um povo injustiçado? Como falar de igualdade onde reina a desigualdade? Como anunciar o Reino de Deus num mundo que não reconhece na Igreja seu representante? Em outras palavras, se a Igreja proclama que o reino já está presente entre nós, ela deve transparecer isso, sendo sacramento desse Reino. A Igreja, na perspectiva de Lausanne, sobretudo a partir do olhar Latino-americano exposto por Samuel Escobar, deve redefinir sua Missão a partir de Jesus que viveu sua vida e ministério entre os homens e mulheres como apontado pelo Evangelho de João...”**Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio a vós**<sup>6</sup>”.

Comentando a aplicação deste versículo, nos estudos bíblicos de Berlim, disse o pastor John Stott: Atrevo-me a garantir que embora estas palavras representem a forma mais simples da Grande Comissão, elas são ao mesmo tempo as que exprimem maior profundidade, as que nos interpelam mais poderosamente e também, por desgraça, as mais esquecidas. Nestas palavras Jesus nos deu, não somente um mandato de evangelizar (o Pai me enviou, Eu vos envio), senão também uma norma de evangelização (assim como o Pai me enviou, Eu também vos envio). A missão da Igreja no mundo é ser como Cristo em tudo. Jesus foi o primeiro missionário e toda a nossa missão deriva dele.<sup>7</sup>

A não observação deste “... **assim como o Pai me enviou**...” se constitui no maior equívoco que a Igreja pode cometer acerca de sua missão. “É como ficar dando avisos de que a praia é perigosa para alguém que está se afogando. Não nos atiramos à água para salvá-lo. Espanta-nos ter que nos molhar”<sup>8</sup>. Ir ao mundo assim como Jesus veio, implica

<sup>5</sup> Ibidem. P. 174.

<sup>6</sup> Jo 20.21.

<sup>7</sup> ESCOBAR, Samuel. *A Serviço do Reino de Deus*. p.24.

<sup>8</sup> Ibidem.

encarnar-se, tomar sua forma, identificar-se com suas dores e, sobretudo, assumir a missão de dignificar e humanizar os homens e mulheres, principalmente os que mais carecem. “Mas, a todos quantos receberem, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus”<sup>9</sup>.

Embora Lausanne tenha sido marcado por inúmeras tensões, sobretudo em função da presença subsidiária de grupos mais conservadores (que salientavam o conversionismo e o anti-ecumenismo como a forma mais adequada de ação da igreja), a tônica principal do congresso foi determinada por uma visão que passou a identificar sua abordagem teológica, e o *espírito de Lausanne*, a saber: a visão integral acerca da missão da igreja. A teologia de Lausanne é então conhecida como teologia da Missão Integral. O principal lema desta teologia é **o evangelho todo, para todo o homem e o homem todo**.

Esse *espírito de Lausanne* é a matriz da teologia de missão integral, que por sua vez influenciaria o pensamento teológico latino-americano. Porém, antes de falarmos de sua recepção em nosso continente, cabe ainda mencionar esse *espírito* presente no documento final do congresso, chamado *Pacto de Lausanne*.

Faremos aqui um recorte em parte dos artigos do pacto onde julgamos estar mais explícito o chamado *espírito de Lausanne*<sup>10</sup>, bem como a virada teológica, e, a contribuição dos teólogos latino-americanos<sup>11</sup>.

**Introdução.** Estamos profundamente tocados pelo que Deus vem fazendo em nossos dias, movidos ao arrependimento por nossos fracassos e desafiados pela tarefa inacabada da evangelização.

1. Confessamos, envergonhados, que muitas vezes negamos o nosso chamado e falhamos em nossa missão, em razão de nos termos conformado ao mundo ou nos termos isolados demasiadamente.

4. A nossa presença cristã no mundo é indispensável à evangelização, e o mesmo se dá com aquele tipo de diálogo cujo propósito é ouvir com sensibilidade, a fim de compreender.

5. Afirmamos que Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus, toda pessoa, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou idade possui uma dignidade intrínseca em razão da qual se deve ser respeitada e servida, e não explorada. Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas (...) afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão (...) A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar, mas também divulgar a retidão do

<sup>9</sup> Jo.1.12

<sup>10</sup> Mais tarde, principalmente no quarto capítulo, trabalharemos alguns destes artigos do Pacto de Lausanne juntamente com a carta final do Clade II.

<sup>11</sup> Para maiores informações sobre o movimento de Lausanne, visite *Lausanne Committee for World Evangelization*: <http://lausanne.org>.

Os números identificadores dos parágrafos indicam os números dos respectivos artigos do Pacto. Grifo nosso.

reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta.

6. Afirmamos que Cristo envia o seu povo redimido ao mundo assim como o Pai o enviou, e que isso requer uma penetração de igual modo profunda e sacrificial. Precisamos deixar os nossos guetos eclesiais e penetrar na sociedade não-cristã (...) A igreja ocupa o ponto central do propósito divino para com o mundo, e é o agente que ele promoveu para difundir o evangelho (...) A igreja é antes a comunidade do povo de Deus do que uma instituição, e não pode ser identificada com qualquer cultura em particular, nem com qualquer sistema social ou político, nem com ideologias humanas.

7. Afirmamos que é propósito de Deus haver na igreja uma unidade visível de pensamento quanto à verdade. A evangelização também nos convoca à unidade, porque o ser um só corpo reforça o nosso testemunho, assim como a nossa desunião enfraquece o nosso evangelho de reconciliação (...) Confessamos que o nosso testemunho, algumas vezes, tem sido manchado por pecaminoso individualismo e desnecessária duplicação de esforço.

8. (...) Deve ser permanente o processo de reavaliação da nossa responsabilidade e atuação missionária. Assim haverá um crescente esforço conjugado pelas igrejas, o que revelará com maior clareza o caráter universal da igreja de Cristo.

9. (...) A redução de missionários estrangeiros e de dinheiro num país evangelizado algumas vezes talvez seja necessária para facilitar o crescimento da igreja nacional em autonomia, e para liberar recursos para áreas ainda não evangelizadas (...). Todos nós estamos chocados com a pobreza de milhões de pessoas, e conturbados pelas injustiças que a provocam. Aqueles dentre nós que vivem em meio à opulência aceitam como obrigação sua desenvolver um estilo de vida simples a fim de contribuir mais generosamente tanto para aliviar os necessitados como para a evangelização deles.

10. (...) As missões, muitas vezes têm exportado, juntamente com o evangelho, uma cultura estranha, e as igrejas, por vezes, têm ficado submissas aos ditames de uma determinada cultura, em vez de às Escrituras.

11. Confessamos que às vezes temos nos empenhado em conseguir o crescimento numérico da igreja em detrimento do espiritual, divorciando a evangelização da edificação dos crentes.

12. (...) Por outro lado, por vezes tem acontecido que, na ânsia de conseguir resultados para o evangelho, temos comprometido a nossa mensagem, temos manipulado os nossos ouvintes com técnicas de pressão, e temos estado excessivamente preocupados com as estatísticas, e até mesmo utilizando-as de forma desonesta. A igreja tem que estar no mundo; o mundo não tem que estar na igreja.

13. (...) Ao mesmo tempo, recusamo-nos a ser intimidados por sua situação. Com a ajuda de Deus, nós também procuraremos nos opor a toda injustiça e permanecer fiéis ao evangelho, seja a que custo for. Não nos esqueçamos de que Jesus nos previniu de que a perseguição é inevitável.

14. Creemos no poder do Espírito Santo. O pai enviou o seu Espírito para dar testemunho do seu Filho (...) De mais a mais, o Espírito Santo é um missionário, de maneira que a evangelização deve surgir espontaneamente numa igreja cheia do Espírito (...) a fim de que o seu fruto todo apareça em todo o seu povo, e que todos os seus dons enriqueçam o corpo de Cristo. Só então a igreja inteira se tornará um instrumento adequado em Suas mãos, para que toda a terra ouça a Sua voz.

### **III – Missão Integral como Específico Teológico do Evangelicalismo Latino-americano.**

Logo após ter assentado a moldura que enquadra a Teologia de Missão Integral (TMI)<sup>12</sup>: o *espírito de Lausanne*, pretendemos expor outros três elementos que compõem nossa reflexão: o evangelicalismo, a TMI, e a temática teológica nuclear da teologia latino-

<sup>12</sup> A partir daqui usaremos a sigla TMI todas as vezes que nos referirmos à Teologia de Missão Integral. As citações feitas à TMI anteriormente não corresponderam a essa normatização porque a TMI ainda não era o sujeito da reflexão.

americana que nos propomos a trabalhar. Os dois primeiros faremos neste capítulo, e o terceiro tomará a atenção do próximo capítulo.

No sentido de ilustrar esta proposição diríamos que o *espírito de Lausanne* é a moldura deste quadro teológico, o evangelicalismo o horizonte, a TMI a perspectiva e, a temática teológica nuclear (Espírito+homem+palavra=Missão) o sujeito mesmo da pintura. Como no caso da obra de arte, estes elementos se integram compondo uma visão do todo. Num simples olhar eles não são distintos, porém, numa visão mais detida é possível perceber suas especificidades. O que pretendemos, portanto, é, a partir das especificidades, perceber o todo.

Antes, porém, de forma introdutória, queremos situar a recepção do congresso de Lausanne, e seu *espírito*, em nosso continente. Apontar algumas características do evento que fez sua recepção (CLADE II), pelo menos do ponto de vista formal, e, transcrever a carta de intenções que marcou a perspectiva majoritária do congresso, bem como da TMI.

### **3.1 – Recepção de Lausanne na América Latina.**

No dia 31 de Outubro de 1979, dia em se comemora a Reforma Protestante do século XVI, eram dadas as palavras de abertura do Segundo Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE II). Samuel Escobar<sup>13</sup> dirigiu as palavras de abertura a um auditório com delegações de vinte e um países da América Latina e Caribe, somando ao todo 220 participantes entre os quais vinte e duas mulheres<sup>14</sup>.

Como aponta Luiz Longuini Neto, o método de participação adotado para o CLADE II proporcionou um amplo aprofundamento na realidade latino-americana:

O Clade II assumiu como ponto de partida, um período preparatório de leituras e uma análise detalhada da realidade latino-americana de cada região, realidade esta que foi analisada basicamente nos aspectos político, socioeconômico, cultural, religioso, moral e espiritual... Cada região teve liberdade de apresentar e organizar seu relatório conforme a necessidade, assim os enfoques foram multidisciplinares<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> Fôra o mesmo Samuel Escobar que contribuiu para a mudança de rumo do congresso de Lausanne em 1974. Sua participação no Clade II reflete a importância de seu pensamento na teologia evangelical latino-americana.

<sup>14</sup>Cf. LONGUINI NETO, Luiz. *O Novo Rosto da Missão* . p.185.

<sup>15</sup> Ibidem.

Outro destaque que merece ser feito é quanto a abrangência do CLADE II. Os temas tratados tocaram nas diversas temáticas especificamente importantes para a realidade latino-americana tais como: indígenas (com ênfase nos povos quéchuas); mundo rural e camponês; mundo urbano; família; crianças; políticos; e grupos marginalizados (refugiados, presos, drogados, prostituição)<sup>16</sup>.

O CLADE II deixou uma marca simbólica muito importante quando optou por não produzir nenhum documento com pretensões totalizadoras e oniabragentes, mas uma pequena e rica carta de intenções. Por outro lado foram produzidos diversos textos de apoio e reflexão para subsidiar a recepção do congresso nos diversos países participantes.

O objetivo principal, no que tange ao método de trabalho, não era impor um pacote concebido em terra estranha, ao contrário, incentivou a participação e a reflexão de todos. Esse processo corajoso, criativo, dialógico e testemunhal ficou claro na variada, riquíssima e relevante produção de todos os grupos de trabalho<sup>17</sup>.

A riqueza do CLADE II pode ser vislumbrada na carta final:

*Ao Povo Evangélico da América Latina*<sup>18</sup>

Amados Irmãos em Cristo:

Que a graça e a paz do Deus Trino seja com cada um.

1. **Antecedentes.** Dez anos depois da realização do Primeiro Congresso Latino-Americano de Evangelização em Bogotá, Colômbia, reunimo-nos em Huampani, Peru, de 31 de outubro a 8 de novembro de 1979, 266 participantes procedentes de diferentes setores do povo evangélico da América Latina. Nosso propósito tem sido considerar juntos a tarefa evangelizadora a que somos chamados a cumprir nas próximas décadas.

2. **Reafirmação.** Procuramos deliberar sobre nossa missão submetendo-nos à autoridade suprema da Bíblia, a Palavra de Deus, à direção soberana do Espírito Santo e ao senhorio de Jesus Cristo, num ambiente de amor fraternal. Nesta atitude, reafirmamos nossa adesão à declaração do Primeiro Congresso Latino-Americano de Evangelização e ao pacto do Congresso Mundial de Evangelização, realizado em Lausanne, Suíça, em julho de 1974.

3. **Lealdade.** Estamos profundamente agradecidos a Deus por nossa herança evangélica e pelos esforços e sacrifícios realizados de parte dos pioneiros, tanto nacionais como estrangeiros. Decidimos renovar nosso compromisso de lealdade ao evangelho e de fidelidade à tarefa de evangelizar no contexto de nossa América Latina. Ao mesmo tempo, sentimos que devemos responder ao desafio missionário que, em nível mundial, representam os milhões de pessoas que não conhecem a Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

4. **Tragédia. Temos ouvido a Palavra de Deus que nos fala e que também escuta o clamor dos que sofrem.** Temos levantado os olhos para o nosso continente e contemplado o drama e a tragédia em que vivem nossos povos nesta hora de inquietação espiritual, confusão religiosa, decadência moral e convulsões sociais e políticas. **Temos ouvido o clamor dos que têm fome e sede de justiça, dos que se encontram desprovidos do que é básico para sua subsistência, dos grupos étnicos marginalizados, das famílias destruídas, das mulheres despojadas do uso de seus direitos, dos jovens entregues aos vícios ou impulsionados à violência, das crianças que sofrem fome, abandono, ignorância e exploração.** Por outro lado, temos visto que muitos latino-americanos estão se entregando à idolatria do materialismo, submetendo os valores do espírito aos valores impostos pela sociedade de consumo, segundo a qual o ser humano vale não pelo que é em si mesmo, mas pela abundância dos bens que possui. **Há também os que, em seu desejo**

<sup>16</sup> Ibidem. p.186.

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> Ibidem. p. 192-193. Grifo nosso.

**legítimo de reivindicar o direito à vida e a liberdade ou de manter o estado de coisas vigente, seguem ideologias que oferecem uma análise parcial da realidade latino-americana e conduzem a formas diversas de totalitarismo e à violação dos direitos humanos.** Existem, ainda, vastos setores escravizados pelos poderes satânicos que se manifestam em formas variadas de ocultismo e religiosidade.

5. **Pecado.** Vemos este quadro sombrio que nos apresenta a realidade latino-americana, à luz da Palavra de Deus, como expressão do pecado que afeta radicalmente a relação do homem com Deus, com seu próximo e com a criação. Percebemos em tudo o que se opõe ao senhorio de Jesus Cristo a ação do espírito do Anticristo que já está no mundo.

6. **Renovação.** Louvamos ao Senhor, contudo, porque em meio a esta situação o Espírito de Deus tem se manifestado poderosamente. Animamos o testemunho que temos compartilhado no Clade II da obra maravilhosa que Deus está realizando em nossos respectivos países. Milhares têm-se entregado a Jesus Cristo como Senhor, encontrando nele libertação e incorporando-se às igrejas locais. Muitas igrejas têm sido renovadas em sua vida e missão. **O povo de Deus avança em sua compreensão do que significa o discipulado radical num mundo de mudanças constantes ou súbitas.**

Tudo isso é fruto do evangelho que é mensagem de salvação e esperança em Jesus Cristo, em quem estão sujeitas todas as coisas. Animados por esta esperança, decidimos intensificar nossa ação evangelizadora. Queremos, ainda, dedicar-nos com maior empenho ao estudo da Palavra de Deus para escutar, com humildade e espírito de obediência, o que ele tem a dizer nesta hora crítica de nossa história.

7. **Confissão.** Confessamos que como povo de Deus nem sempre temos atendido às demandas do evangelho que pregamos como demonstra nossa falta de unidade e nossa indiferença frente às necessidades materiais e espirituais de nosso próximo. **Reconhecemos que não temos feito tudo o que com a ajuda do Senhor deveríamos realizar em benefício de nosso povo.** Porém, propomo-nos a depender do poder transformador do Espírito Santo para o fiel cumprimento da tarefa que está diante de nós. **Creemos que na próxima década o Senhor poderá abençoar de maneira singular o seu povo, salvar integralmente a muitíssimas pessoas, consolidar ou restaurar nossas famílias e levantar uma grande comunidade de fé, que seja uma antecipação, em palavra e ato, do que será o reino em sua manifestação final.**

Como um apoio para a ação que nos corresponde, apresentamos o “**Documento de Estratégia**” elaborado por todos os participantes deste Congresso. Recomendamos seu uso de acordo com cada situação.

8. **Missão.** No amor de Cristo, instamos a nossos irmãos na fé a que propaguem estes anelos e se dediquem à missão de Deus, tomando em consideração que “a noite vem, quando ninguém pode trabalhar”.

No desejo de que Deus cumpra o seu propósito no mundo, em sua igreja e em nossas vidas, e que os povos latino-americanos escutem a voz de Deus, encomendamo-nos todos à sua graça e lhes enviamos uma saudação fraterna.

### 3.2 – O Evangelicalismo Latino-americano.

O movimento evangelical<sup>19</sup> latino-americano<sup>20</sup> é o horizonte onde a TMI acontece. Como identidade teológica de corte protestante, ele se constitui em relação com outras identidades teológicas presentes na América Latina. Para marcar bem essa construção identitária, faremos um percurso que vai de sua relação com estas outras identidades, até chegarmos aos seus elementos específicos.

Como identidade teológica, o movimento evangelical deve ser apresentado como um “ser” evangelical, a partir, do seu “crer” em perspectiva evangelical. É exatamente aqui que se inscreve seu caráter relacional. A afirmação de uma forma de crer geralmente se dá na

<sup>19</sup> O termo *evangelical* é tomado aqui não no sentido amplo de evangélico, mas para identificar um grupo de cristãos comprometidos com certo movimento, com certa postura, com certa maneira de viver a fé cristã. Usaremos, portanto, *evangelical* para designar o indivíduo e movimento evangelical (ou evangelicalismo), para caracterizar o movimento. Cf LONGUINI NETO, Luiz. *Op. Cit.*

<sup>20</sup> A delimitação latino-americano para o evangelicalismo se dá em função de sua presença em outros lugares, e, também, porque aqui ele ganha contornos específicos.



justaposição, ou até mesmo na contraposição, de outras formas de crer. Isso se acentua bastante num ambiente teológico de missão, onde os limites do fundamentalismo persistem em balizar a vivência da fé.

O evangelicalismo, ou movimento evangelical, originou o fundamentalismo norte-americano de 1910, que buscou formular um conjunto de afirmações teológico-doutrinárias<sup>21</sup> que pudessem fazer frente ao liberalismo teológico.

Em 1910, durante a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana Americana, nos Estados Unidos, foi tomada uma decisão sobre os cinco pontos fundamentais da fé cristã. A estratégia visava confrontar os candidatos ao ministério pastoral que haviam feito o curso de teologia no *Union Theological Seminary* de Nova York com as doutrinas verdadeiras da fé cristã<sup>22</sup>.

Num primeiro momento, o fundamentalismo era o próprio evangelicalismo. E sua defesa dos “fundamentos” era acolhida por boa parte do mundo protestante norte e sul americano. Porém, em 1948, com a fundação do CIIC (Congresso Internacional de Igrejas Cristãs) há uma radicalização do fundamentalismo. Baseada numa reação ideológica o movimento passou a lutar contra o liberalismo, ecumenismo, e o comunismo.

Desta forma, todo fundamentalista é evangelical, mas nem todo evangelical é fundamentalista<sup>23</sup>. Isso significa que do ponto de vista do primeiro posicionamento quanto aos fundamentos da fé cristã, uns e outros se encontram, porém, quanto ao levante ideológico de 1948, eles se distanciam.

Samuel Escobar comentando essa ideologização teológica operada pelo fundamentalismo assinala que ele foi uma reação teológica à teologia liberal da Europa, que degenerou para uma identificação do Reino de Deus com o *american way of life*. Afirma ainda: “Por haver degenerado, o fundamentalismo não pode representar a alternativa bíblica, sólida e ortodoxa. No começo da terceira década de nosso século, a crítica séria do liberalismo foi empreendida pela neo-ortodoxia, a teologia de Barth, Brunner e Niebuhr<sup>24</sup>”.

<sup>21</sup> Os cinco pontos fundamentais, chamados *The Fundamentals* são os seguintes: 1) Nascimento virginal de Jesus, 2) Ressurreição corpórea de Jesus, 3) Inerrância das Escrituras, 4) Teoria substitucionária da expiação, 5) Eminente volta de Cristo. Cf REYLY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. 3 ed. São Paulo, Aste, p.243, nota 101.

<sup>22</sup> LONGUINI NETO, Luiz. *Op. Cit* p.22.

<sup>23</sup> *Ibidem*. p. 23.

<sup>24</sup> ROLDÁN, Alberto Fernando. *Para que serve a Teologia?* p. 122.

Falando ainda da identidade teológica do evangelicalismo, na narrativa de Alberto Fernando Roldán, Escobar conclui responde à seguinte pergunta:

“Somos fundamentalistas?” “Não”. As razões: o antiintelectualismo simplista, a falta de seriedade no estudo da Bíblia, o espírito reacionário, o extremismo direitista político e a recusa a aplicar o evangelho a toda a vida e cultura (...) Esclarece, não obstante, que sim “cremos que há fundamentos básicos claros, cremos na autoridade das Escrituras, cremos no legado doutrinário de vinte séculos de cristianismo bíblico <sup>25</sup>”.

De acordo com sua posição de distanciamento do fundamentalismo, e fidelidade a certa ortodoxia bíblica, Samuel Escobar dirá em sua palestra sobre “A responsabilidade social da Igreja” no CLADE I que: “Para cumprir a responsabilidade social da igreja, não é necessário nem abandonar a evangelização nem adotar uma teologia liberal ou não evangélica. Trata-se simplesmente de levar nossas crenças às últimas conseqüências<sup>26</sup>”. Os pontos centrais de sua fala foram os seguintes: “a missão da igreja e o contexto social, o caminho da encarnação, o caminho da cruz e da ressurreição, e a esperança cristã<sup>27</sup>”.

Do ponto de vista da relação com o fundamentalismo, a formação identitária do evangelicalismo latino-americano toma uma direção paralela de continuo distanciamento. Uma outra identidade teológica que contribui para a formação do movimento evangelical latino-americano é a teologia da libertação (TdL). Esta será um elemento de fundamental importância, mesmo que crítica, para melhor delinear o conceito de integralidade da TMI.

Na palestra proferida no CLADE II: *Esperança e desesperança na crise continental*<sup>28</sup>, Samuel Escobar, se valendo muitas vezes das análises feitas por outros teólogos evangélicos latino-americanos, faz uma leitura da presença teológica na América Latina ao longo dos séculos XIX e XX, sobretudo, acentuando nesta presença a postura frente às duras realidades político-econômico-culturais da segunda metade do século XX.

Analisando a conjuntura social latino-americana do final da década de setenta, quando acontecia o CLADE II, Samuel Escobar observa o seguinte:

O intento mais sistemático e articulado de interpretar esta situação desde uma sistemática cristã é a chamada “Teologia da Libertação”. Uma variedade de movimentos políticos, a maior parte deles vinculados de uma ou outra forma à ideologia marxista, tem feito da

<sup>25</sup> Ibidem.

<sup>26</sup> Ibidem. p. 123.

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> ESCOBAR, Samuel. *Esperança e desesperança na crise continental. In O presente, o futuro e a esperança cristã. Principais apresentações do II Congresso Latino-americano de Evangelização (CLADE II)*. São Paulo: ABU, 1982.

palavra libertação o termo que engloba a utopia ou a esperança humana que se prega agora a nossos povos. Quase se poderia dizer que em resumo a teologia a que fazemos referência conteúdo ou vocabulário cristão ou bíblico ao programa político-social de um conglomerado de forças cujo elemento comum é a análise marxista da situação latino-americana e um “projeto” expressado em linguagem do socialismo marxista. Esta tendência teológica estava presente nas filas do catolicismo (dentro do qual surgiu) e na reunião de “bispos do CELAM em Medelim”, 1968. Alguns de seus conceitos centrais e seu vocabulário aparecem nos documentos finais de Medelim. Um setor do protestantismo ecumênico ou conciliar foi virando lentamente rumo a posições que terminaram por coincidir com a dos teólogos católicos. Boa parte dos teólogos de origem protestante que se inscrevem nesta corrente militaram primeiro nas filas do ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina)<sup>29</sup>.

O comentário de Samuel Escobar marca a relação de diálogo crítico com a teologia da libertação, sobretudo com sua dimensão protestante presente na ISAL. Os teólogos evangélicos também em um grupo de reflexão e prática teológica. Este grupo surgiu logo após o CLADE I, em Cochabamba, Bolívia, em 1970. Foi denominado FTL (Fraternidade Teológica Latino-americana). A ênfase desta consulta de fundação foi a necessidade de “tomar consciência de nossa situação” e reconheceu-se que “as ideologias de hoje, pode ser o aguilhão que Deus quer usar para que escutemos sua voz<sup>30</sup>”.

A partir daí, era de dentro da FTL que a teologia evangélica se pronunciava, inclusive com relação às outras identidades teológicas. Neste sentido Pedro Arana e Andrés Kirk (FTL) fazem uma avaliação da ISAL (TdL): “Na ideologia da ISAL, Deus se traduz como revolução. O povo de Deus como tropas revolucionárias. O propósito de Deus como humanização. E a palavra de Deus como os Escritos revolucionários. Nada esconde que tudo isto é humanismo marxista<sup>31</sup>”.

Samuel Escobar entende que essa é uma crítica que, sobretudo, deve ser direcionada “ao abandono das bases bíblicas e evangélicas que se substituíam logo pelo marxismo, como chave para entender não só a realidade senão também o texto bíblico<sup>32</sup>”. É uma crítica, portanto, à hermenêutica da TdL a partir do conceito de centralidade bíblica que os evangélicos recebem da tradição protestante<sup>33</sup>. Não é necessariamente um problema com o instrumental teórico de análise da realidade, antes a compreensão de que este instrumental incide sobre a própria Bíblia como instrumento hermenêutico.

<sup>29</sup> Ibidem. p. 161.

<sup>30</sup> ROLDÁN, Alberto Fernando. *Op. Cit.* p. 123.

<sup>31</sup> ESCOBAR, Samuel. *Op. Cit.* p. 162.

<sup>32</sup> Ibidem.

<sup>33</sup> Na Reforma protestante foi assentado junto com o princípio da *Sola Scriptura* a regra hermenêutica que a Bíblia é sua própria regra de interpretação.

Para aprofundar a reflexão acerca da relação entre esperança e utopia latino-americanas, e o pensamento marxista em nosso continente, Samuel Escobar observa o seguinte:

No nosso trabalho sobre o Reino de Deus e a ética social e política latino-americana, fizemos referência ao desafio da escatologia marxista. Mencionamos a forma em que a visão utópica do futuro, tal como a apresentam os marxistas, consegue atrair a muitos seres humanos em nosso tempo, particularmente em continentes onde certo tipo de religião (como o catolicismo latino-americano) produziu uma estrutura social injusta e uma situação de subdesenvolvimento. Quer dizer que a esperança marxista se voltou a esperança de muitos latino-americanos. A esta situação a Teologia da Libertação responde, tomando a esperança marxista e tomando-a como própria, e reduzindo a esperança bíblica para acomodá-la a esta esperança humana. Tal é o produto final de uma hermenêutica na qual a verdade revelada deixa de ser autoritativa e a chamada ciência moderna (que é o que o marxismo pretende ser) passa a ser a fonte de autoridade e verdade para a vida<sup>34</sup>.

Mais uma vez a crítica de Samuel Escobar centra-se na questão hermenêutica, pontualmente numa suposta superação da autoridade bíblica pela leitura marxista da realidade. Ele não nega que a TdL, usando o instrumental de análise marxista, consegue ler e se aproximar da esperança (e até da falta desta) e da utopia do povo latino-americano. Mais do isto, essa constatação o leva a perguntar, e posteriormente articular, pela resposta que os evangélicos dão a esta questão.

Aqui está o nó da questão e seu aspecto ideológico, que como vemos corresponde aos fatos históricos que antes resumimos. O que não temos, nós, os evangélicos que evangelizam, é uma expressão evangélica da esperança cristã e bíblica que seja pertinente ao momento em que vivemos (...) Assinalar a influência destas esperanças humanas não é suficiente. Cedo ou tarde, ao completar-se o processo de evangelização, temos que explicar o que é a esperança cristã e como ela se relaciona com a vida sobre a terra; e além do mais, como ela serve de guia ao cristão para decidir sua atitude diante das esperanças humanas<sup>35</sup>.

A identidade teológica dos evangélicos latino-americanos se afirma numa tensão entre o fundamentalismo e a TdL. Em sua auto-compreensão isso se dá a partir da inalienável centralidade das Escrituras Sagradas. Queremos destacar, e mais tarde pretendemos mostrar, que essa tensão não é antitética, mas, dialética. Antes, porém, vale a pena ilustrar essa tensão com as palavras do bispo anglicano Robinson Cavalcanti, um dos representantes deste movimento no Brasil.

No atual estágio brasileiro, os defensores do evangelho integral (Holismo) ainda estão sujeitos a imcompreensões, sendo confundidos (às vezes intencionalmente) pelos conservadores como “liberacionistas”, em virtude de suas ênfases quanto ao social. Para os teólogos da libertação os holistas não passam de “neofundamentalismo esclarecido” e reformista. O Holismo, por sua vez, nunca pretendeu existir como um contraste com as

---

<sup>34</sup> Ibidem.

<sup>35</sup> Ibidem.

outras duas posições ou como “via média”, mas afirmar sua história própria que, para os holistas, se confunde com a história de uma parcela importante do cristianismo<sup>36</sup>.

Para fechar este tópico, é preciso ainda dar umas “últimas pinceladas” na questão da identidade teológica evangelical, sobretudo, a fim de apontar seus elementos constitutivos, para além do exercício aporético que até aqui fizemos. Depois de olhar a formação identitária evangelical dialéticamente, é preciso olhá-la pontualmente a partir de seu interior. Para tanto, queremos evocar algumas definições do “ser” evangelical de importantes pensadores desta movimento, privilegiando os latino-americanos.

Samuel Escobar<sup>37</sup>, num artigo escrito em 1982<sup>38</sup>, classifica o “ser” evangelical a partir dos seguintes elementos:

- 1) A herança teológica da Reforma: somente a fé, somente a Escritura, somente a Graça e somente Cristo.
- 2) A paixão evangelística, oriunda dos grandes avivamentos do século XVIII, sobretudo o de Wesley.
- 3) A piedade pessoal, característica do despertar no luteranismo alemão de fins do século XVII que conhecemos como pietismo: a ênfase na decisão pessoal e na experiência de uma relação com Deus, seguida por uma vida de oração e piedade associada a uma intensa vocação missionária.
- 4) A postura anabatista de separação entre igreja e Estado.
- 5) A ética puritana: uma vida distinta e consagrada a Deus, com altos níveis de conduta.
- 6) A dimensão social do evangelho: um claro sentido de serviço, de obrigação social e de postura profética perante os males da sociedade<sup>39</sup>.

Já Robinson Cavalcanti<sup>40</sup>, define o “ser” evangelical nos seguintes termos:

Preocupados com o equilíbrio, com a herança sadia da tradição conservadora, os evangelicos, grosso modo, desenvolveram as seguintes características: (1) *Leitura reverente das Escrituras*. Como palavra de Deus escrita por homens. Uso criterioso de ferramentas científicas. Possibilidade de errância dos leitores e intérpretes; (2) *Confecionalidade credal*. Credos e confissões como explicações úteis, parciais e suficientes da fé; (3) *Soteriologia seletiva*. Apenas alguns serão salvos. Divergência sobre o conceito de ‘penas eternas’; (4) *Cristologia*. Trinitária com ênfase nas duas naturezas; (5) *Evangelismo*. Anúncio a toda a criatura, com sensibilidade transcultural; (6) *Missão da igreja*. Anúncio, edificação, comunhão, serviço e denúncia profética; (7) *Milagres*. Crença tanto nos bíblicos quanto nos atuais, evitando-se o ceticismo, a ingenuidade e o curandeirismo; (8) *Escatologia*. Diversidade de posições, com tendência ao amilenarismo pós-tribulacionista; (9) *Ética*. Individual e social. Diferença entre aberrações e imperfeições. Espaço para a liberdade criativa, defesa da democracia, pluralismo quanto ao socioeconômico, diálogo criativo com o mundo, santidade ativa (fazer coisas)<sup>41</sup>.

<sup>36</sup> CAVALCANTI, Robinson. *A utopia possível: em busca de um cristianismo integral*. p. 28.

<sup>37</sup> Cf. nota 2.

<sup>38</sup> ESCOBAR, Samuel. *Qué significa ser evangélico hoy?* In FRESTON, Paul. *Fé Bíblica e crise brasileira*. p.8.

<sup>39</sup> Ibidem. p. 9.

<sup>40</sup> Bispo da igreja anglicano, um dos mais profícuos escritores evangélicos brasileiros.

<sup>41</sup> LONGUINI NETO, Luiz. *Op. Cit.* p.24.

Paul Freston<sup>42</sup> aborda a questão da identidade teológica evangelical<sup>43</sup>, privilegiando sua centralidade bíblica como foco irradiador de sentido para as demais dimensões possíveis.

Dessa forma, ser evangélico na prática, equivale a inserir-se dentro de uma determinada tradição, definida como evangélica. Ser evangélico, nesse sentido, deveria significar ser radicalmente bíblico (...) Quais as implicações do ser radicalmente bíblico para o nosso uso da Bíblia como indivíduos e como comunidades? (...) Em primeiro lugar, ao invés de fetichizar a Bíblia, honrando-a como símbolo, temos que levá-la a sério, por meio do trabalho árduo de interpretação e aplicação. Levar a Bíblia a sério nas duas dimensões: i) como livro humano, produto histórico e cultural que participa do grande princípio humano da encarnação, e que por exige a aquisição de uma certa cultura bíblica (...) e exige que façamos a ponte com o nosso contexto (a contextualização não é um simples adendo opcional, mas é parte integral da tarefa de ser bíblico; não se pode ser bíblico apenas estudando a Bíblia!); e ii) como livro divino, normativo, que exige a meditação séria e obediência criativa<sup>44</sup>.

Dois coisas são facilmente apreendidas destes relatos: a centralidade bíblico-missiológica, e a forte ênfase na integralidade da fé cristã. Da centralidade bíblica o integral é iluminado. Isso faz com que o movimento evangelical seja conservador do ponto de vista teológico, porém, criativo em suas inúmeras leituras da realidade, sobretudo no que diz respeito à questão social.

Neste específico teológico que é o social, o movimento evangelical e a TMI não partem de uma mediação exclusiva. Há uma abertura às ciências sociais, porém, isso não se constituiu num método fechado e exclusivo. Como afirmou Robinson Cavalcanti<sup>45</sup> há mesmo “uma pluralidade quanto ao socioeconômico”.

É ele mesmo, que de forma bastante aguda, em diálogo criativo com o pensamento de Pedro Arana, vai melhor delimitar as relações do evangelicalismo e de sua teologia (Missão integral) com as mediações científicas, sobretudo as ciências sociais. Para ele o evangelicalismo “em sua rejeição à polarização do social *versus* individual no ensino evangélico, procura, contudo, procura recuperar todo o ensino e toda a prática histórica das Escrituras e da Igreja no tocante ao social, ao econômico ao político e ao cultural. A sua teologia sistemática não pára na dogmática, mas inclui a ética, a ética social<sup>46</sup>”.

<sup>42</sup> Teólogo e sociólogo, ex-assessor da Aliança Bíblica Universitária (ABU). Em sua tese de doutorado em sociologia, defendida na Unicamp, estudou a relação entre os protestantes e a política no Brasil.

<sup>43</sup> Tanto o texto de Cavalcanti quanto de Freston toma a expressão “evangélico” como sinônimo para evangelical. Isso não se dá aleatoriamente, mas é antecedido de uma discussão crítica.

<sup>44</sup> FRESTON, Paul. *Op. Cit.* p. 12-13.

<sup>45</sup> Cf. nota 41.

<sup>46</sup> CAVALCANTI, Robinson. *Op. Cit.* p.26.

A partir do espírito de Lausanne em seu lema: “O evangelho todo para o homem todo e para todos os homens”, Robinson Cavalcanti marca o lugar teológico do evangelicalismo: “distancia-se do neofundamentalismo em sua crítica ao indivíduo, ao legalismo, à ausência de um projeto existencial cristão, à vinculação necessária ao capitalismo etc<sup>47</sup>”. E ainda: “Se compartilha com os teólogos da libertação a tarefa histórica da promoção humana, deles se afasta, não só pelos aspectos doutrinários, mas pela maneira de fazer teologia<sup>48</sup>”. De forma positiva ele continua:

Pedro Arana, já citado, entende a teologia como sendo “...Uma reflexão da fé sobre a revelação especial de Deus para a comunidade missionária no meio das circunstâncias históricas, com o fim de compartilhar o testemunho do Reino de Deus”. Como herdeiros da Reforma, os teólogos do evangelicalismo integral (Holismo) entendem que a teologia começa sempre com a revelação, nunca com o processo histórico ou a situação humana. Começa-se, axiologicamente, a partir da Bíblia e de Jesus Cristo e, cronologicamente, a partir da realidade histórica. A teologia deve estar a serviço da missão da igreja, que tem haver com a salvação integral (Holística) de seu povo e, por meio dele, com o bem estar integral do mundo.

É dever da igreja ensinar todo o conselho de Deus, julgando a leitura e a interpretação da realidade histórica à luz da Palavra de Deus. “Por essa razão, nós não podemos por um selo de infalibilidade científica em nenhum instrumento humano, a despeito de quão científico e completo ele aparente, seja ele um marxismo dogmático, um revisado, ou qualquer outro que possa aparecer”. Completa Arana<sup>49</sup>.

Esta perspectiva de Robinson Cavalcanti está de acordo com o congresso de Lausanne, quando em seu pacto, especificamente no artigo que trata da responsabilidade social da igreja, diz:

Afirmamos que Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus, toda pessoa, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou idade possui uma dignidade intrínseca em razão da qual se deve ser respeitada e servida, e não explorada. Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas (...) afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão (...) A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a justiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar, mas também divulgar a retidão do reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta<sup>50</sup>.

Na compreensão do evangelicalismo e da TMI, a assunção de instrumental científico à condição de hermenêutica exclusiva pode comprometer a condição profética da teologia.

---

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> Cf. nota 11. Grifo nosso.

Isto não significa a ausência de mediações científicas no fazer teológico evangelical, antes, uma maior multiplicidade destas. “Temos chamado a atenção para a necessidade de uma abertura para as ferramentas das ciências sociais, para a necessidade de uma espiritualidade integral e uma missão integral, para a reafirmação do Estado laico, democrático, pluralista e multicultural<sup>51</sup>”.

Depois de termos exposto a moldura (espírito de Lausanne), e o horizonte (movimento evangelical) onde a teologia protestante latino-americana – que optamos por trabalhar – se coloca, é preciso ainda apontar, a partir do horizonte exposto, a perspectiva própria desta teologia. Isto faremos aprofundando seu teologûmeno fundamental: missão integral ou holismo teológico.

### **3.3 – Missão e integralidade: binômio estruturante da TMI.**

Seguindo a metáfora que propomos, passamos a um terceiro elemento, além da moldura (espírito de Lausanne) e do horizonte (movimento evangelical): a perspectiva (teologia de missão integral). A perspectiva pode ser confundida com o horizonte, porém, ela é uma visão deste, marcada por um lugar de observação. A TMI é esta visagem da realidade latino-americana a partir de um lugar (integralidade). A partir de um horizonte busca-se uma perspectiva marcada pelo lugar teológico ocupado. Este lugar, ou perspectiva, é vazado por um apelo à realidade concreta. Sua ênfase será o social, não por opção ideológica, mas por ser o elemento da realidade latino-americana que mais grita pela justiça do reino de Deus.

Esta perspectiva: o conceito de missão integral para a teologia, tem na tradição protestante um histórico bem definido. Presente já no texto bíblico e na história da igreja, é no Congresso de Lausanne (Suíça – 1974) que tem suas raízes modernas, e sua sistematização programática. Na América Latina, o 1º e 2º Congressos Latino-americanos de evangelização (CLADES) (Bogotá – 1969; Lima – 1979), marcam a recepção e conseqüente implementação da TMI. Esta implementação se fez possível, em grande medida, em função da criação da Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL), em 1970, logo após o CLADE I. No Brasil, o 1º Congresso Nacional de Evangelização (Belo

---

<sup>51</sup> CAVALCANTI, Robinson. *A igreja, o país e mundo: desafios a uma fé engajada*. p. 44.



Horizonte – 1983), marco oficialmente o acolhimento desta teologia por parte dos protestantes brasileiros, embora alguns já o acompanhassem desde Lausanne<sup>52</sup>.

O conceito de Missão Integral, porém, não é somente um categoria ou capítulo da história da igreja, especialmente do protestantismo. É, antes, uma categoria teológica que tem se imposto na reflexão e práxis latino-americano, sobretudo, no movimento evangelical. Segundo Enio Mueller<sup>53</sup>: “O conceito de ‘missão integral’ tem se imposto (...) especialmente em círculos evangélicos mais abertos do Terceiro Mundo, como uma forma útil de expressar a consciência de que o evangelho tem, além da sua dimensão evangelística, uma inelutável dimensão de responsabilidade social<sup>54</sup>”.

Surge na teologia protestante latino-americana uma consciência aguda de fracasso em algumas dimensões as missão da igreja. Como expressa o Pacto de Lausanne:

1. Confessamos, envergonhados, que muitas vezes negamos o nosso chamado e falhamos em nossa missão, em razão de nos termos conformado ao mundo ou nos termos isolados demasiadamente.

5. Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas (...) afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão

7. (...) Confessamos que o nosso testemunho, algumas vezes, tem sido manchado por pecaminoso individualismo e desnecessária duplicação de esforço<sup>55</sup>.

Acompanhado desta consciência de precariedade em seu conceito teológica, surge também um posicionamento de conversão frente às estruturas de pecado geradoras de miséria e desigualdade:

5. A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar, mas também divulgar a retidão do reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta.

<sup>52</sup> Em nível latino-americano devem-se destacar alguns nomes como Samuel Escobar, René Padilla, Pedro Arano, Emilio Nuñez, Robinson Cavalcanti, Valdir Steuernagel (todos de uma primeira geração). Também é necessário mencionar as revistas *Pensamiento Cristiano e Certeza e Mission*. Para a presença da TMI no Brasil é preciso mencionar a importância de alguns movimentos: Aliança Bíblica Universitária (ABU), A Visão Nacional de Evangelização (VINDE), o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC). E, ainda, a presença da Fraternidade Teológica Latino-americana, e da Visão Mundial, na fomentação de encontros de reflexão e aprofundamento teológico-pastoral.

<sup>53</sup> MUELLER, Enio. *A Interpretação da Bíblia e a Missão Integral da Igreja*. In STEUERNAGEL, Valdir (org). *A Missão da Igreja*. p. 53-63. Este texto é uma coletânea de artigos sobre os mais diversos temas da teologia em perspectiva da TMI.

Além do presente artigo, Enio Mueller dá uma importante contribuição para a teologia em sua tese sobre a relação do marxismo e da TdL: *Teologia da Libertação e Marxismo*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

<sup>54</sup> Ibidem. p. 53.

<sup>55</sup> Cf. nota 11.

9. Todos nós estamos chocados com a pobreza de milhões de pessoas, e conturbados pelas injustiças que a provocam. Aqueles dentre nós que vivem em meio à opulência aceitam como obrigação sua desenvolver um estilo de vida simples a fim de contribuir mais generosamente tanto para aliviar os necessitados como para a evangelização deles<sup>56</sup>.

Esta mesma estrutura se pode perceber na carta final do CLADE II. Tanto a confissão acerca da necessidade de rever a presença no mundo, quanto à aguda sensibilidade social, são marcas da igreja protestante presente naquele lugar. Em ambos os casos há uma clara visão propositiva que estava sendo assumida pela TMI:

7. Confissão. Confessamos que como povo de Deus nem sempre temos atendido às demandas do evangelho que pregamos como demonstra nossa falta de unidade e nossa indiferença frente às necessidades materiais e espirituais de nosso próximo. Reconhecemos que não temos feito tudo o que com a ajuda do Senhor deveríamos realizar em benefício de nosso povo. Porém, propomo-nos a depender do poder transformador do Espírito Santo para o fiel cumprimento da tarefa que está diante de nós. Cremos que na próxima década o Senhor poderá abençoar de maneira singular o seu povo, salvar integralmente a muitíssimas pessoas, consolidar ou restaurar nossas famílias e levantar uma grande comunidade de fé, que seja uma antecipação, em palavra e ato, do que será o reino em sua manifestação final.

4. Tragédia. Temos ouvido a Palavra de Deus que nos fala e que também escuta o clamor dos que sofrem.(...)Temos ouvido o clamor dos que têm fome e sede de justiça, dos que se encontram desprovidos do que é básico para sua subsistência, dos grupos étnicos marginalizados, das famílias destruídas, das mulheres despojadas do uso de seus direitos, dos jovens entregues aos vícios ou impulsionados à violência, das crianças que sofrem fome, abandono, ignorância e exploração.(...)Há também os que, em seu desejo legítimo de reivindicar o direito à vida e a liberdade ou de manter o estado de coisas vigente, seguem ideologias que oferecem uma análise parcial da realidade latino-americana e conduzem a formas diversas de totalitarismo e à violação dos direitos humanos<sup>57</sup>.

Enio Mueller faz a interpretação da teologia majoritária que sustentava certo conceito de missão presente na América Latina, sobretudo, infundida pelas inúmeras agências missionárias norte-americanas presentes em nosso continente. Essa interpretação abre sua conceituação teológica sobre as categorias “Missão” e “Integral”. Ele diz:

A leitura teológica da realidade humana até então feita, especialmente no mundo evangélico, era por demais devedora de uma concepção filosófica do homem como entidade dividida em vários “compartimentos”: corpo, mente e alma (...) Uma excessiva influência, mesmo que residual, da cosmovisão grega, que perpassa o história da autocompreensão do cristianismo, era detectada aí. O resultado, na prática, era a supervalorização do “espiritual” em detrimento de outros aspectos da realidade humana, o que no fim não vinha em benefício nem do próprio “espiritual”<sup>58</sup>.

Tendo assentado a topologia de onde surge a TMI, passamos à tentativa de tratar teologicamente as categorias “Missão”<sup>59</sup> e “Integral” como são tomadas na TMI. Isso

<sup>56</sup> Ibidem.

<sup>57</sup> Cf. nota 18

<sup>58</sup> MUELLER, Enio. *Op.Cit.* p. 53-54.

<sup>59</sup> A categoria teológica “missão”, vem sendo amplamente estudado no protestantismo ao longo de todo o século XX, sobretudo em sua segunda metade. Vale a pena destacar duas importantes obras que aprofundam esse estudo. A primeira, em nível internacional, é a monumental *Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission* de David Bosch, publicada em português pela editora Sinodal com o título: *Missão*

faremos, como mencionamos acima, com o trabalho de Enio Mueller, e, aprofundando, para o conceito de Missão, o pensamento de Samuel Escobar.

Este último que dedica sua reflexão à questão da missão na América Latina já a cerca de quatro décadas, estabeleceu uma tríplice tipologia para compreender as teologias subjacentes aos movimentos missionários presentes em nosso continente desde o Congresso de Lausanne em 1974. A primeira delas é o que ele chama de “missiologia pós-imperial”.

Esta é a missiologia vinda dos evangélicos da Grã Bretanha e Europa e é caracterizada por um evidente caráter imperial. Com isso, quero dizer uma consciência de que o domínio imperial que costumavam exercer já passou e novos modelos de relacionamentos têm sido desenvolvidos. Para esta missiologia havia duas fontes de questões sérias sobre missões: por um lado o declínio das igrejas cristãs na Europa e suas influências de perda na formação de valores e atitudes em seus contextos e, por outro lado, a emergência de novas formas de cristianismo no Terceiro Mundo (...) O que caracteriza essa missiologia é que o zelo tradicional evangélico está associado com a disposição para corajosamente tomar as lições da história e explorar a Palavra de Deus usando as melhores ferramentas dos estudos bíblicos no serviço da missão<sup>60</sup>.

A segunda tendência missiológica presente na América Latina ela chama de “missiologia gerencial”. Esta, devido a influência pragmática que recebe, contribui muito para o enfraquecimento e reducionismo dos fundamentos teológicos da missão, sendo a presença majoritária entre os organismos de missão estrangeira em nosso continente<sup>61</sup>.

A nota distintiva desta missiologia que se desenvolveu especialmente ao redor do grupo de instituições evangélicas em Pasadena, Califórnia (EUA), conectou-se à Escola de Crescimento da Igreja e a movimentos tais como AD 2000, é o esforço para reduzir a missão cristã a uma empresa gerenciável. Cada característica dessa missiologia torna-se inelegível quando percebida com o conceito de que admitia a intenção quantificadora. Os conceitos tais como “grupo de pessoas”, “povos não-alcançados”, “janela 10/40”, “adote um povo”, e “espíritos territoriais” expressam tanto um sentido forte de urgência e um esforço para usar cada instrumento disponível para fazer a tarefa possível (...) A ação missionária é reduzida a uma tarefa linear que é traduzida tanto a os passos lógicos para serem seguidos em um processo de gerenciamento pelos objetivos, na mesma maneira na qual a tarefa evangelística é reduzida a um processo que pode ser carregado nos princípios posteriores do marketing<sup>62</sup>.

---

*Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão.* Em nível latino-americano (já que foi traduzido em 2006 para o espanhol pela CLAI) destaca-se o trabalho de doutoramento de Luiz Longuini Neto *O Novo Rosto da Missão: os movimentos ecumênico e evangélico no protestantismo latino-americano*, que foi publicado pela editora Ultimato e recentemente traduzido para o espanhol com apoio do CLAI.

<sup>60</sup> ESCOBAR, Samuel. *Missiologia Evangélica: Olhando para o Futuro na Virada do Século*. p.153,155. In *Missiologia Global para o Século XXI*. p. 145-172.

<sup>61</sup> Cf. *ibidem*. p. 157.

<sup>62</sup> *Ibidem*. p. 155.

Finalmente, a terceira tendência missiológica presente na América Latina corresponde mais adequadamente, sobretudo em relação à segunda, à realidade de um continente mergulhado em extrema crise social, por vezes legitimada por estruturas teológicas que embalam certo “ardor missionário” que em nada contribui para a reflexão da fé em perspectiva integral. Samuel Escobar chama esta tendência de “Uma missiologia crítica da periferia”.

Das terras que costumavam ser territórios missionários, uma nova missiologia tem começado a se desenvolver e está deixando sua voz ser ouvida. Lausanne I foi caracterizada pela abertura a ouvir daquela nova reflexão, ao mesmo tempo contextual e engajada. Poderíamos dizer que o impulso básico desta missiologia é sua natureza crítica. A questão para esta missiologia não é *quanta* ação missionária é requerida hoje, mas *que tipo* de ação missionária é necessária. E a preocupação com a qualidade se liga naturalmente com as perguntas sobre o dinamismo social do evangelho e aquele poder transformador da experiência de conversão a Jesus Cristo<sup>63</sup>.

Na mesma direção de Samuel Escobar, Enio Mueller também chama a atenção para a contribuição de teólogos do Terceiro Mundo que “insistem em que a realidade social está numa relação indissociável com a teologia, e que, portanto, isso deve ser problematizado pela mesma<sup>64</sup>”. Isso exige da teologia protestante uma reformulação do conceito de missão, sobretudo, no sentido de descolá-lo da tarefa evangelizadora. A tarefa da evangelização, que a igreja não pode abandonar, não pode ser uma grandeza absoluta que coopta todas as demais tarefas reduzindo-as a meras estratégias para sua eficaz realização.

O Pacto de Lausanne representa muito bem este momento criativo da igreja cristã protestante, quando coloca paralelamente os temas da evangelização e da responsabilidade social lado a lado. Sem dúvida, isso testemunha vigorosamente a consciência missiológica amadurecida que adota uma perspectiva mais abrangente de missão<sup>65</sup>.

O outro conceito que igualmente precisa ser verificado á luz da teologia, mais especificamente da TMI, é o Integral (ou holístico). Enio Mueller começa por observar que no tempo em que vivemos há um forte apelo á superação de esquemas que pretendem explicar a realidade a partir de chaves compartimentalistas. Há um “anseio por visões mais

---

<sup>63</sup> Ibidem. p. 159.

<sup>64</sup> MUELLER, Enio. *Op. Cit.* p.54.

<sup>65</sup> Cf. ibidem. p.55.

totais, por enxergar mais a unidade por trás dos elementos díspares (...) de nossa tão fragmentada e dividida realidade social<sup>66</sup>”.

Esta tendência ao holismo se expressa diferentemente em cada espaço onde é acolhida. No caso da teologia ela é disposta numa dupla relação: em íntima escuta das Escrituras Sagradas, e, em diálogo criativo com os instrumentais teóricos disponíveis. Na aproximação destes dois elementos cunha-se uma metodologia teológica que atrai e incorpora elementos (pensamento dialético, nova era, ecologia, abordagens sistêmicas...) numa abordagem que pretende anunciar “todo o evangelho, a todo o homem, e, ao homem todo”.

Tudo isto deixa claro também que a nossa missão, neste final de século e de milênio, deverá voltar a acontecer num marco de leitura intensiva da Bíblia, de lúcida percepção das realidades presentes, e, sobretudo, de colocar estes dois em face um do outro. Com isso a Palavra de Deus poderá voltar a exercer um papel poderoso na compreensão e transformação destas realidades, desde as das pessoas individualmente até a dum cosmos que se torna a cada dia parte integrante da nossa existência como seres humanos às vésperas do terceiro milênio. E isto passando pelas complexas realidades das nossas relações sociais e comunitárias<sup>67</sup>.

Com isto nós concluímos quase todo o “quadro que nos dispusemos a pintar”. A moldura (espírito de Lausanne) foi colocada, o horizonte (movimento Evangelical) foi traçado, a perspectiva (Teologia da Missão Integral) foi delineada, e porque não confessada, resta somente agora “pincelar” os personagens (temas principais da TMI) para terminar nosso exercício pictórico.

#### **IV – Espírito, Homem e Palavra: Temas Fundamentais da Teologia de Missão Integral no Contexto Latino-americano.**

Nesta parte do trabalho pretendemos apontar três temas teológicos que formam, ao menos em nossa compreensão, o núcleo do pensamento teológico do evangelicalismo latino-americano. Propor essa tese não é um exercício seguro e fora de riscos de equívoco. Buscando sustentar este pensamento, nos valeremos dos documentos finais de Lausanne e do CLADE II, como também de pronunciamentos feitos, sobretudo, neste segundo evento.

---

<sup>66</sup> Ibidem.

<sup>67</sup> Ibidem. p. 61.

Espírito, Homem e Palavra articulam um mesmo acontecimento teológico na TMI: a missão. É o Espírito que pelo, no, e para o Homem (homem e mulher) suscita a Palavra salvadora de Cristo, que não faz outra coisa que o próprio Cristo não tenha feito: anunciar a boa nova do Reino de Deus, que na compreensão da TMI pode ser traduzida pela salvação integral de Deus para toda a sua criação. Isto constitui a missão!

#### **4.1 – O Protagonismo do Espírito na Teologia de Missão Integral.**

O pacto da Lausanne pronuncia-se da seguinte forma num artigo específico sobre a pneumatologia:

Cremos no poder do Espírito Santo. O pai enviou o seu Espírito para dar testemunho do seu Filho (...) De mais a mais, o Espírito Santo é um missionário, de maneira que a evangelização deve surgir espontaneamente numa igreja cheia do Espírito (...) a fim de que o seu fruto todo apareça em todo o seu povo, e que todos os seus dons enriqueçam o corpo de Cristo. Só então a igreja inteira se tornará um instrumento adequado em Suas mãos, para que toda a terra ouça a Sua voz<sup>68</sup>.

Embora o documento, e o próprio congresso, terem fortes traços cristológicos, estes são compreendidos como efetivamente revelados pela ação do Espírito, pois o Espírito é de Cristo e, sua missão é dar testemunho da novidade de vida anunciado no mistério da encarnação.

No caso do CLADE II o protagonismo do Espírito como hermeneuta da integralidade teológica ainda é mais acentuado:

2. Reafirmação. Procuramos deliberar sobre nossa missão submetendo-nos à autoridade suprema da Bíblia, a Palavra de Deus, à direção soberana do Espírito Santo e ao senhorio de Jesus Cristo, num ambiente de amor fraternal.
4. Tragédia. Temos ouvido a Palavra de Deus que nos fala e que também escuta o clamor dos que sofrem. Temos ouvido o clamor dos que têm fome e sede de justiça, dos que se encontram desprovidos do que é básico para sua subsistência, dos grupos étnicos marginalizados, das famílias destruídas, das mulheres despojadas do uso de seus direitos, dos jovens entregues aos vícios ou impulsionados à violência, das crianças que sofrem fome, abandono, ignorância e exploração.
6. Renovação. Louvamos ao Senhor, contudo, porque em meio a esta situação o Espírito de Deus tem se manifestado poderosamente.
7. Confissão. Reconhecemos que não temos feito tudo o que com a ajuda do Senhor deveríamos realizar em benefício de nosso povo. Porém, propomo-nos a depender do poder transformador do Espírito Santo para o fiel cumprimento da tarefa que está diante de nós<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> Cf. nota 11.

<sup>69</sup> Cf. nota 18.

Se já nos documentos finais de Lausanne e do CLADE II apareça uma forte presença pneumatológica, é no desenvolvimento do CLADE II que isto fica ainda mais claro. Na primeira parte da publicação sobre o congresso, chamada *O Desafio da Reforma da Década de 80* há uma abordagem, feita em dois tempos, que surpreende por sua pneumatologia arrojada. Merece destaque, principalmente, a primeira parte da comunicação feita por J. Norberto Saracco<sup>70</sup> intitulada *O Espírito e a Palavra na Comunidade Evangelizadora*<sup>71</sup>.

A presença de um palestrante pentecostal no CLADE II já é um evento que merece destaque, tanto pela dimensão ecumênica que o evento teve, quanto, sobretudo, pela contribuição específica que o pentecostalismo pode dar como de fato deu. Já na introdução à sua fala Norberto Sarocco aponta uma grande capacidade de integração dos aportes teóricos com o protagonismo pneumatológico.

O fato de ser um congresso Latino-americano de evangelização não se justificará pela localização geográfica, nem pela esmagadora maioria de representantes latinos, mas sim pelo levar a sério, em termos de missão, as múltiplas faces da realidade latino-americana. Não afirmo isso em virtude de um chauvinismo simplista, senão por considerar que a Palavra eterna e soberana de Deus fala, no poder do Espírito, ao homem que está imerso numa realidade histórica e social concreta<sup>72</sup>.

Na perspectiva de apontar a centralidade do Espírito na missão da comunidade no mundo, bem como sua ação para vencer as estruturas de opressão ele diz:

A comunidade conta com o poder do Espírito para curar os enfermos, dar vista aos cegos e anunciar aos pobres que há uma boa notícia para eles: o poder do Espírito vence o opressor. O Espírito operará de diferentes maneiras para cumprir seus propósitos. Poderá ser através de elementos sobrenaturais, mas também nos processos históricos onde uma comunidade evangelizadora seja fiel a seu Senhor. Por essa razão, a comunidade é chamada a confiar no poder do Espírito, mas também a viver as demandas do evangelho dentro da história, na segurança de que não há poder humano ou espiritual superior ao Espírito de Deus<sup>73</sup>.

Esta visão exposta por Norberto Sarocco, num contexto onde a categoria de missão integral é bastante conhecida, supera o já dito ampliando para outras esferas o conceito de integralidade. Ser integral não é somente superar os esquemas fragmentários da cultura ocidental, é também, na perspectiva dele, superar a mentalidade teológica racionalista que

<sup>70</sup> J. Norberto Saracco, à época, era diretor de educação teológica da Igreja de Deus Pentecostal da Argentina.

<sup>71</sup> SARACCO, J. Norberto. *O Espírito e a Palavra na Comunidade Evangelizadora*. In *O Presente, o Futuro e a Esperança Cristã: Principais Apresentações do II Congresso Latino-americano de Evangelização (CLADE II)*. P. 33-43.

<sup>72</sup> Ibidem. p. 33.

<sup>73</sup> Ibidem. p. 40.

confina no plano do obscurantismo a possível ação sobrenatural de Deus para a realização de seu propósito.

Esse apelo à dimensão sobrenatural da fé, coloca a questão da integralidade num nível onde todas as coisas estão sob o senhorio de Cristo que age na força do Espírito. O mais importante, é que isto não se dá na negação das responsabilidades e do engajamento na história, mas, este engajamento e responsabilidade são possíveis à medida que o Espírito possibilita. Exatamente o mesmo Espírito que pode agir, segundo seu senhorio, em outras esferas da realidade.

De qualquer forma, é a Palavra de Deus que age, e assim o faz no poder do Espírito. “Vemos que a Palavra está intimamente unida às obras poderosas do Espírito. A questão não é qual dentre os dois é o mais importante, mas antes reconhecer que ambos formam um todo inseparável<sup>74</sup>”. Essa centralidade do Espírito no anúncio integral da Palavra, dá à comunidade também o discernimento para julgar a ideologia travestida de missão quando esta aparece.

O Espírito é também quem guia a comunidade a descobrir a Palavra e interpretá-la. Aceitar que o Espírito ensinará à igreja todas as coisas (Jo 14:26) exige dela humildade e abertura. Os que possuem respostas enlatadas e fórmulas precisas, as quais aplicam em qualquer situação, como se todos os homens e sociedades fossem iguais, rechaçam a função pedagógica do Espírito (...) Fidelidade ao Espírito é buscar teologias que sejam fiéis ao evangelho cada situação<sup>75</sup>.

O Espírito aparece como aquele que articula e interpreta a realidade em situações históricas concretas. Na promessa de estar conosco todos os dias, está incluída a dimensão hermenêutica do Espírito que a tudo interpreta, porque a tudo submete. O Espírito, que é o de Cristo, tem a mesma missão de gerar e renovar a vida, e onde está o Espírito de Cristo, aí há vida e liberdade.

A comunidade evangelizadora deve ser sinal desta vida do Espírito que se manifesta em cada um de seus membros. Mas não é só um exemplo de vida, deve proclamar a vida ali onde existe a morte – não unicamente a morte espiritual, mas todas as manifestações de anti-vida que se fazem presentes em nosso tempo. Onde impera a fome e a miséria, a angústia e a dor, a tortura e o assassinato...a comunidade deve levar, em sua mensagem e em seu testemunho, a vida do Espírito<sup>76</sup>.

---

<sup>74</sup> Ibidem.

<sup>75</sup> Ibidem.

<sup>76</sup> Ibidem. p. 41.



O Espírito lança os homens e a mulheres à missão da vida no interior da história, onde, e só onde, a Palavra que se encarnou deve ser anunciada. Qualquer anúncio que não revele o radical mistério da encarnação, mesmo que isto se dê pelos mais “nobres” motivos, não é movido pela força do Espírito do encarnado.

Quando uma comunidade evangelizadora, em nome da espiritualidade, renuncia viver sua história e fixa os olhos no que transpõe os limites da realidade do mundo, trai o Espírito em nome da espiritualidade (...) A vida no Espírito não é compatível com a apatia diante das necessidades do mundo. E mais, o fruto mais importante do Espírito é o amor, que se faz carne na entrega ao irmão e àquele que sofre. Não é bíblica uma experiência no Espírito que subtraia a comunidade evangelizadora da história<sup>77</sup>.

#### 4.2 – O Homem como Este Homem: uma antropologia concreta.

A antropologia presente na TMI é uma antropologia concreta, onde por Homem não se entende uma categoria filosófica abstrata, antes, este ou aquele homem, ou melhor, estes e estas, aqueles e aquelas. Esta questão é fundamental para dar densidade ao conceito de integralidade. Integrasse a partir do particular, não de categorias universais e abstratas. Os grupos presentes no horizonte da missão devem ser chamados por seus nomes, revelando assim seus rostos muitas vezes invisibilizados pelo pretense anúncio da “boa nova”.

O evangelicalismo deste continente, articulado na Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL) tem denunciado o “embranquecimento” dos negros e dos índios convertidos, seu desenraizamento cultural e perda de identidade, bem como a anglo-saxonização dos convertidos brancos e mestiços. Temos deplorado o surgimento de subculturas protestantes isolacionistas, misto de legalismo fundamentalista e tradicionalismo ibero-católico pré-moderno<sup>78</sup>.

Este acento numa antropologia concreta e integrada pode ser observado nos documentos finais de Lausanne e do CLADE II. No caso de Lausanne a máxima: “o evangelho todo, para todo o homem e o homem todo”, mostra que apesar das tensões entre evangelicais (integrais) e fundamentalistas (convresionistas), a perspectiva concreta acerca da antropologia teve bastante força, embora seja verdade que as tensões permaneceram muito fortes.

No caso do CLADE II esta perspectiva está mais fortemente delineada. Isto pode ser verificado em pelo menos dois aspectos: o primeiro se encontra na carta final do congresso, quando analisando a realidade latino-americana afirma:

<sup>77</sup> Ibidem.

<sup>78</sup> CAVALCANTI, Robinson. *Op. Cit.* p. 44.

4. Tragédia. Temos ouvido o clamor dos que têm fome e sede de justiça, dos que se encontram desprovidos do que é básico para sua subsistência, dos grupos étnicos marginalizados, das famílias destruídas, das mulheres despojadas do uso de seus direitos, dos jovens entregues aos vícios ou impulsionados à violência, das crianças que sofrem fome, abandono, ignorância e exploração. Por outro lado, temos visto que muitos latino-americanos estão se entregando à idolatria do materialismo, submetendo os valores do espírito aos valores impostos pela sociedade de consumo, segundo a qual o ser humano vale não pelo que é em si mesmo, mas pela abundância dos bens que possui. Há também os que, em seu desejo legítimo de reivindicar o direito à vida e a liberdade ou de manter o estado de coisas vigente, seguem ideologias que oferecem uma análise parcial da realidade latino-americana e conduzem a formas diversas de totalitarismo e à violação dos direitos humanos. Existem, ainda, vastos setores escravizados pelos poderes satânicos que se manifestam em formas variadas de ocultismo e religiosidade<sup>79</sup>.

O segundo aspecto para verificarmos a dimensão concreta e integrada da antropologia presente na TMI, ainda nos remetendo ao CLADE II, é o informe regional produzido pelo Brasil para colaborar nas discussões sobre a missão<sup>80</sup>, a partir da realidade com suas positivities e mazelas<sup>81</sup>.

Neste informe estão presentes os homens e mulheres brasileiras em sua mais ampla representatividade: cultural, classe social, faixa etária, etnias, gênero, religião... Os grupos são apresentados a partir daquilo que os identifica em sua dignidade, buscando, de forma propositiva, apontar o desafio colocado para a missão por cada um deles<sup>82</sup>. Ao término da primeira parte do informe, destinada a um balanço das condições sócio-econômicas do Brasil, lê-se: “que numa futura avaliação da década de 80 conste que a igreja de Cristo no Brasil procurou responder aos desafios de seu tempo<sup>83</sup>”.

#### **4.3 – A Palavra como sacramento do Reino: A Centralidade da Palavra na Teologia de Missão Integral.**

Os temas do Congresso de Lausanne (Que o mundo ouça a voz de Deus) e do CLADE II (Que a América Latino ouça a voz de Deus) apontam para centralidade da Palavra na TMI. Mas essa Palavra que é central na TMI recebe dela uma densidade teológica, um peso

---

<sup>79</sup> Cf. nota 18.

<sup>80</sup> “O Clade II assumiu como ponto de partida, um período preparatório de leituras e uma análise detalhada da realidade latino-americana de cada região, realidade esta que foi analisada basicamente nos aspectos político, socioeconômico, cultural, religioso, moral e espiritual... Cada região teve liberdade de apresentar e organizar seu relatório conforme a necessidade, assim os enfoques foram multidisciplinares”. Cf. nota 15.

<sup>81</sup> *Informe Regional do Brasil. In O Presente...Op. Cit.* p. 76-84.

<sup>82</sup> Esse documento merece um estudo mais aprofundado, que poderia revelar a perspectiva teológica do grupo brasileiro presente no CLADE II. Porém, isso ficará para uma outra pesquisa que pretendemos desenvolver.

<sup>83</sup> *Ibidem.* p. 78.

qualitativo. Não é, portanto, qualquer anúncio, antes, aquele que é feito à luz do mistério da encarnação. O Cristo encarnado na realidade histórica cristifica-a integralmente.

A palavra que é requerida da comunidade evangelizadora não é palavreado ou pura verbalização, é “a espada do Espírito” (Ef 6:17), ou seja, o instrumento do Espírito para cumprir sua missão redentora (...) As obras do Espírito nem sempre são espetaculares e assombrosas: também é obra do Espírito quando se transformam situações sociais e culturas de opressão, como resposta a uma igreja que proclama as boas novas do evangelho na certeza de que a Palavra não voltará vazia<sup>84</sup>.

A TMI oferece, portanto, uma regra de discernimento para pesar a Palavra anunciada, no sentido de verificar sua procedência. Toda Palavra de Cristo instaura o Reino como ele próprio o fez. Não é possível, portanto, que haja pregação do evangelho sem que os sinais do Reino sejam perceptíveis. Se não houver justiça, paz e alegria no Espírito, o anúncio da Palavra não passa de palavreado vazio (ou quem sabe cheio de ideologia). Em suma, a Palavra gera uma comunidade crística.

Na comunidade evangelizadora, como sinal da nova criação, devem ficar abolidos os privilégios e prerrogativas que imperam no mundo: “não pode haver judeu nem grego, nem escravo, nem liberto, nem homem, nem mulher, porque todos voz sois um em Cristo” (Gl 3:28). É na forma de vida da igreja que se detecta sua fidelidade ou não ao evangelho, na medida em que ela aceita o Reino de Deus. Quando a comunidade evangelizadora cede à tentação de privilegiar uns em detrimento de outros, quando confunde os elementos de cultura com o evangelho, quando tolera relações de domínio dentro de si e em sua mensagem, ou quando busca ser reconhecida e aplaudida, evitando o caminho da cruz, aí, então, prostitui-se<sup>85</sup>.

A igreja de Cristo é criatura da Palavra. É dela que a Igreja se origina. Desta forma ela está submetida ao seu juízo e, convocada constantemente à conversão: *Ecclesia Reformata Semper Reformanda*. Isto só é possível porque o Espírito que move a igreja, a move para dentro da história impulsionando-a a conformar-se à mente de Cristo, para que dessa forma homens e as mulheres possam ouvir a voz de Deus que chama a novidade de vida.

É também o Espírito quem assume a condição de hermeneuta no ministério da vivência e do anúncio da Palavra. É ele quem leva a todos ao pleno conhecimento de Cristo e do Reino: “é ele quem nos faz lembrar de todas as coisas”.

Tanto a atitude do intérprete diante de Deus, como sua tradição eclesial e a cultura a que pertence são fatores que condicionam constantemente o conteúdo e a compreensão da Palavra de Deus. Na medida em que, como comunidade da Palavra, levamos a sério estes

<sup>84</sup> SARACCO, J. Norberto. *Op. Cit.* p.40.

<sup>85</sup> *Ibidem.* p. 36.

condicionamentos, poderemos proclamar mais fiel e efetivamente a Palavra de Deus. É aqui onde reconhecemos a necessidade da assistência do Espírito, para nque, em meio a nossas palavras provisórias, possamos ir encontrando a palavra eterna. Porém este encontro não é um acontecimento místico, mas histórico<sup>86</sup>.

Finalmente, a Palavra gestada e interpretada na comunidade pela força do Espírito, não é somente aquela proclamada com nossas palavras. Não é somente o discurso que revela ao mundo a Palavra de Deus, embora seja importante. Esta revelação da Palavra de Deus ao mundo, se dá à medida que a igreja faz o cominho kenótico de Cristo. A igreja anuncia a Palavra quando assume o mistério da encarnação como sua própria forma de ser no mundo. Nisto constitui sua missão: ser integralmente kenótica.

A comunidade evangelizadora deve ser portadora da boa notícia para os pobres, de saúde para os quebrantados de coração, liberdade para os cativos e oprimidos, visão para os cegos e tudo aquilo que implique em manifestar o ano agradável do Senhor (Lc 4:18s). A palavra que tem sido dada a comunidade não é simples verbalização; é transmitida através de palavras, mas também através de acontecimentos libertadores. A Palavra se faz ação, e ser fiel à Palavra não é tê-la gravada de cor, mas vivê-la, de tal maneira que cada ato da comunidade aponte em direção total, para onde a comunidade caminha na esperança, ou seja, que cada ato seja, de fato, evangelizador<sup>87</sup>.

## V – CONCLUSÃO.

O quadro está pronto: o espírito de Lausanne delimita como moldura o horizonte protestante latino-americano, este horizonte, o evangelicalismo, é visto a partir da teologia de missão integral como se fosse olhado em uma perspectiva própria. Este olhar em perspectiva encontra no centro do quadro algumas personagens que se destacam: Espírito, homem e Palavra juntos, compõem a razão de ser da teologia holista: a missão.

Desta forma pretendemos ter exposto a multifacetada face de um protestantismo latino-americano, que tem feito de seu estandarte a missão de que o “mundo, e especialmente aquela parte que se encontra na América Latina, ouça a voz de Deus”. A voz de Deus que se pretende fazer ouvida chama a todos desde as entranhas da realidade histórica para uma vida integralmente vivida na plenitude e no poder do Espírito. Pois somente este, pode

---

<sup>86</sup> Ibidem. p. 37.

<sup>87</sup> Ibidem. p. 38.

possibilitar que em um solo tão maltratado como o de nosso continente, “o evangelho todo, possa ser anunciado para todo os homens e mulheres em sua integralidade”.

## **BIBLIOGRAFIA.**

BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo, Sinodal. 2002.

CAVALCANTI, Robinson. *A Utopia Possível: em busca de um cristianismo integral*. Viçosa, Ultimato. 1997.

\_\_\_\_\_. *A Igreja o País e o Mundo: Desafios a uma Fé Engajada*. Viçosa, Ultimato. 2001.

ESCOBAR, Samuel. *A serviço do Reino*. LTC. 1985.

FRESTON, Paul. *Fé Bíblica e crise Brasileira*. São Paulo, ABU. 1992.

GONZÁLES, Justo L. *Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé*. São Paulo, Academia Cristã. 2005.

LONGUINI NETO, Luiz. *O Novo Rosto da Missão: Os Movimentos Ecumênico e Evangelical no Protestantismo Latino-americano*. Viçosa, Ultimato. 2002.

*O Presente, o Futuro e a Esperança Cristã: Principais Apresentações do II Congresso Latino-americano de Evangelização (CLADE II)*. Viçosa, ABU.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo, ASTE. 2003.

ROLDÁN, Alberto Fernando. *Para que serve a Teologia?* Londrina, descoberta. 2000.

STEUERNAGEL, Valdir (org). *A Missão da Igreja*. Belo Horizonte, Missão Editora. 1994.

STOT, John. *John Stot Comenta o Pacto de Lausanne*. São Paulo, ABU Editora. 1983.

TAYLOR, William D. (org). *Missiologia Global para o Século XXI*. Londrina, Descoberta. 2001.

VVAA. *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje: As principais Palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial em Lausanne, Suíça*. São Paulo. ABU editora. 1982.

<http://lausanne.org> *Lausanne Committee for World Evangelization*.